



Depressão afecta mais de metade das prostitutas

Coimbra Estudo sobre saúde mental em mulheres que se prostituem em Portugal divulgado nas Jornadas Científicas sobre Trabalho Sexual

Quase metade das prostitutas em Portugal (49%) sofre de doença mental, sendo que 16% dessas mulheres não teve qualquer tipo de acompanhamento, conclui um projecto de doutoramento divulgado ontem em Coimbra.

Cerca de 25% das prostitutas diagnosticadas necessitaram de internamento e «apenas 38% mantêm acompanhamento» por parte de um técnico de saúde, constatou Alexandre Tei-

xeira, doutorando da Faculdade de Psicologia do Porto, que está a realizar um estudo sobre saúde mental em mulheres que se prostituem em Portugal.

Das mulheres diagnosticadas, foi identificada depressão a quase 60%, ansiedade a 20% e doença bipolar a cerca de 5% das prostitutas, divulgou o investigador, que falava durante as I Jornadas Científicas sobre Trabalho Sexual, que decorreram ontem no Centro de Estu-

dos Sociais, em Coimbra.

«O acompanhamento é um fator protector», salientou, referindo que quase 20% dos diagnósticos da doença mental foram feitos «nos últimos 12 meses» e 27,4% feitos há mais de dez anos.

O projecto de investigação envolveu questionários presenciais a 177 mulheres que trabalham no interior e 114 na rua, distribuindo-se por 110 mulheres no Porto, 55 em Coimbra e

126 em Lisboa. A média de idades das mulheres entrevistadas é de 38,5 anos, mais de metade são portuguesas, 32% brasileiras e cerca de 7% naturais de países africanos de língua oficial portuguesa. Metade são solteiras, 72% têm filhos, 10% têm formação superior e 27% o ensino secundário.

Durante as jornadas foi igualmente divulgado um estudo que indica que 81,5% dos trabalhadores do sexo não usa pre-

servativo na prática de sexo vaginal com parceiro estável e 52% não usa na prática de sexo anal.

«Os trabalhadores do sexo têm práticas de risco altas com os companheiros», em comparação com as práticas com clientes, em que cerca de 98% refere «usar sempre» preservativo, sublinhou Antónia Soares, doutoranda da Faculdade de Psicologia do Porto, que desenvolveu um estudo sobre «afectos, sexualidade e poder nas relações íntimas de trabalhadores do sexo».

Os trabalhadores do sexo que têm parceiros ocasionais (40%) referem também números mais baixos no uso do preservativo comparativamente com as práticas com clientes, disse Antónia Soares, cujo projecto de doutoramento revelou que 40% dos trabalhadores recebem «quase sempre» propostas de sexo sem

preservativo, 28% muitas vezes e 25% poucas vezes.

«81,5% refere que mesmo depois de ter sido negado, aquando da negociação, o sexo sem preservativo, os clientes tentam ter práticas de risco no momento em que se vai concretizar a relação sexual», apontou a investigação.

O estudo, que teve como amostra 121 trabalhadores do sexo do Porto e Lisboa, contou com 43 trabalhadores do sexo masculino, 54 do sexo feminino e 24 transexuais, sendo que a média de idades é de 30 anos.

As jornadas que assinalaram em Coimbra o Dia Internacional Contra a Violência Sobre Trabalhadores do Sexo foram organizadas pela Rede sobre Trabalho Sexual, Centro de Estudos Sociais da UC e associação Não te Prives: Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais. ◀



Depressão afecta mais de metade das prostitutas

Estudo | P28
